

A Guerra de Resistência de Mao: Marco para a Análise da Grande Estratégia da China

Tenente-Coronel Tony K. Cho, Exército dos EUA

Este artigo foi originalmente publicado na revista *Parameters* (Autumn 2011).

A TEORIA DA GUERRA de resistência, de Mao Tsé-tung, constitui um contexto bastante útil para que possamos compreender a grande estratégia da China. A estratégia denominada “defesa ativa”, constante do Livro Branco de Defesa chinês, de 2008, não possui o mesmo poder explicativo que podemos extrair do texto relativo à “guerra de resistência”¹. A estratégia “guerra de resistência” nada mais é do que a China buscando a estabilidade, a modernidade e a soberania como fins, adotando uma abordagem geográfica mista como o método para alcançar esses objetivos, e empregando simultaneamente meios convencionais e não convencionais — durante um longo período de tempo. A execução da estratégia em um ambiente global dominado pelos Estados Unidos da América (EUA), a revela como sendo de natureza defensiva e não assertiva.

O Problema Estratégico da China

Quais são os desafios a serem contemplados pela grande estratégia da China? A maioria dos especialistas concorda que o país tem como principais objetivos o crescimento econômico e a manutenção da coesão política nacional, com o intuito de preservar a estabilidade interna e o controle pelo Partido Comunista da China². Um estudo conduzido pela RAND Corporation resumiu os objetivos chineses da seguinte forma: modernidade, estabilidade e soberania³. Assim, a estratégia diplomático-militar da China e suas ações — no âmbito interno e no trato com o mundo exterior — devem fornecer métodos e meios para a consecução desses fins.

Antes de qualquer coisa, métodos e meios adequados são obtidos mediante a formulação de premissas, a partir do entendimento que se tem sobre o ambiente mundial futuro. Quais são as oportunidades e os desafios da China, no atual ambiente? Ela se beneficia significativamente da economia de mercado internacional, na qual compete com sua enorme reserva de mão de obra barata. Esse fator, por si só, permitiu que o país se tornasse, em um curto espaço de tempo, o ator mais competitivo enfrentado pelos Estados Unidos⁴. De certo modo, a China tira proveito dos benefícios de um sistema estável, mantido pelos Estados Unidos a um exorbitante custo diplomático e econômico. Por outro lado, ela não usufrui, de forma global, as vantagens que este último detém em outros domínios, como a política internacional, os mercados mundiais, o espaço e o ciberespaço. A Organização Mundial do Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial, o G8 — e agora o G20 —, o padrão-dólar, a internet e o Sistema de Posicionamento Global são, todos, criações estadunidenses. As regras que os Estados Unidos estabeleceram para proteger esses sistemas, assim como suas capacidades físicas para defender linhas de comunicação, permitem que o país influencie os mercados mundiais em seu próprio benefício. Ele é capaz de ditar imposições a outros países e, na opinião da China, de interferir em seus assuntos internos, incluindo questões sobre os direitos humanos, a liberdade política, as reformas de mercado, Taiwan e o Tibete. Do ponto de vista da China, ainda, os Estados Unidos têm o privilégio de utilizar a diplomacia, as sanções, a condição de “nação mais favorecida”, a filiação à Organização

O Tenente-Coronel Tony K. Cho, do Exército dos EUA, é oficial especialista em área no estrangeiro, com foco no nordeste da Ásia. É bacharel pela University of Illinois e

mestre pela Harvard University, pela Stanford University e pelo US Army War College. É o atual Diretor de Operações do Escritório do Representante de Defesa para o Paquistão.

Mundial do Comércio e as vendas militares para Taiwan como parte de sua violação imperialista da soberania chinesa⁵.

Faz-se necessário analisar algumas premissas sobre a estratégia chinesa para o futuro. A principal delas é a de que os Estados Unidos seguirão sendo uma potência hegemônica mundial nas próximas décadas⁶. Continuarão a desempenhar um papel de liderança, especialmente no que diz respeito a financiar a segurança e a estabilidade em todo o mundo⁷. Manterão uma diplomacia agressiva e Forças Armadas poderosas. Outra premissa da China é que ela será capaz de manter seu forte crescimento econômico, algo que, naturalmente, fará com que os Estados Unidos tenham sua ascensão e a condenem por não estar atendendo aos padrões ocidentais nos campos da política, atividades econômicas e direitos humanos. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos exigirão que ela assuma parte dos custos relativos à manutenção da estabilidade e segurança mundiais.

Os EUA representam o grande desafio estratégico da China. Ocupam um lugar especial na visão que esta tem do mundo, porque, ao mesmo tempo em que contribuem para o crescimento econômico chinês, constituem um obstáculo à sua grandeza. A China enxerga os EUA como sendo a “principal ameaça”, e a essência de sua grande estratégia baseia-se em como ela avalia e lida com o país⁸. O pesquisador David Lai observa que os Estados Unidos foram o único país expressamente citado no Livro Branco chinês de 2008⁹. Segundo Zi Zongyun, “fora as dificuldades normais existentes entre países com interesses conflitantes, as relações sino-estadunidenses enfrentam problemas de cunho ideológico, cuja carga emotiva é raramente vista nos relacionamentos entre os demais países”¹⁰.

Considerando o fato de que a China opera em um sistema internacional liderado pelos EUA, quais seriam os meios e os métodos para que ela atinja seus objetivos mundiais? Em um cenário ideal, os chineses tirariam proveito do sistema sem agregar custos indevidos, mas o comportamento competitivo dos Estados Unidos e suas imposições em questões que afetam a soberania chinesa requerem uma resposta estratégica. A “guerra de resistência”, de Mao, é o conceito que sustenta essa estratégia.

Guerra de Resistência

A teoria da guerra de resistência de Mao não é tão conhecida quanto seu conceito de guerra revolucionária — algo natural, visto que os tipos de conflito que lhes deram origem são bem distintos, embora haja alguns aspectos comuns aos dois. Uma guerra revolucionária é um conflito que tem por objetivo derrubar um governo existente (ex.: o Exército Vermelho contra o governo republicano chinês, no princípio, e, depois, contra os nacionalistas que o sucederam no poder). Uma guerra de resistência é um conflito contra um invasor externo (ex.: quando o Exército Vermelho cooperou com o Exército Nacionalista para combater o Exército Imperial Japonês). Ambas são “guerras populares”, mas combater um inimigo externo requer abordagens diferentes das utilizadas contra os de mesma nacionalidade.

Os pormenores da guerra de resistência não são de compreensão imediata, dado que o próprio Mao contribuiu para a confusão. No início, ele empregou a expressão “guerra revolucionária”, em suas obras sobre o conflito contra o Japão. Em uma palestra proferida na Escola do Exército Vermelho, em 1936, Mao Tsé-tung referiu-se à formação do Partido Comunista, ao Exército Vermelho e ao combate contra o Exército Nacionalista Chinês como componentes de uma guerra revolucionária: uma guerra para “ocasionar a derrota dos governos reacionários de seus próprios países”¹¹. Contudo, em textos

...as relações sino-estadunidenses enfrentam problemas de cunho ideológico, cuja carga emotiva é raramente vista nos relacionamentos entre os demais países.

posteriores, referiu-se a ela como “guerra de resistência”, uma forma diferente de combate¹². Em 1938, ele apresentou uma palestra intitulada

“Problemas de Estratégia na Guerra de Guerrilha contra o Japão”¹³. Nela, as operações de guerrilha não constituíam uma guerra revolucionária em si, mas um tipo de combate complementar em uma “guerra de resistência” contra um inimigo externo: o exército imperial invasor¹⁴. Duas formas de combate ocorrem simultaneamente, em uma guerra de resistência: o “combate regular, que é o principal, e o combate de guerrilha, que é complementar”. Em outras palavras, o Exército Nacionalista empregou o combate convencional contra os japoneses, enquanto o Exército Vermelho empregava táticas de guerrilha.

Segundo Mao, uma guerra de resistência deve, de modo ideal, ser prolongada, englobando três fases. A primeira fase consiste na defensiva estratégica, ante a ofensiva estratégica do inimigo. O exército convencional conduz um combate defensivo e estático enquanto tropas de guerrilha se engajam em uma “guerra de inquietação” na retaguarda do inimigo. A segunda fase é o impasse, em que os exércitos convencionais de ambos os lados ficam paralisados e a guerra de guerrilha passa a ser a estratégia principal contra a força invasora. A última fase é uma ofensiva estratégica, na qual o exército convencional se engaja no combate ofensivo e móvel enquanto guerrilheiros destroem as bases logísticas do inimigo. Durante a segunda fase, em que a “forma de combate será, predominantemente, a guerrilha”, Mao descreve em detalhes como conduzi-la para controlar a retaguarda do inimigo, incluindo o estabelecimento de bases (áreas controladas pelos guerrilheiros) e a transformação das áreas controladas pelo inimigo (bases inimigas) em áreas contestadas¹⁵. Em contrapartida, os três estágios de uma guerra revolucionária são: a fase de agitação (incitação das massas); a fase de equilíbrio (violência aberta, com operações de guerrilha e o estabelecimento de bases); e, por fim, a guerra de movimento entre os insurgentes e as forças do governo (em particular, com formações convencionais, compostas por grandes unidades)¹⁶.

Uma comparação dos fins, métodos e meios ressalta as diferenças entre as teorias. A guerra revolucionária buscava mudar o *status quo*, sendo de orientação ofensiva¹⁷. A guerra de resistência se destinava a preservar o *status quo*, defendendo-se uma ordem existente contra um inimigo externo. Na guerra revolucionária, a situação final desejada

era o Partido Comunista na liderança da China. Os fins, em uma guerra de resistência, eram manter a soberania e resistir à dominação pelo Japão, que dispunha de capacidades superiores. O método, em uma guerra revolucionária, correspondia aos estágios da escalada de força. O método de uma guerra de resistência era o combate misto, ou seja, a condução simultânea de batalhas defensivas, em um território considerado como zona defensiva, e de batalhas ofensivas em uma zona contestada, cuja duração prolongada objetivava esgotar o Estado (mais forte), que se veria obrigado a operar com linhas externas e longas linhas de comunicação. Em ambos os casos, os meios são as capacidades convencionais e não convencionais provenientes do povo, daí serem “guerras populares”.

Mao e a Evolução das Grandes Estratégias da China

As ideias de Mao ainda são suficientemente respeitadas para prevalecerem como a grande estratégia da China? Uma análise das grandes estratégias desse país, dos anos 60 ao presente, revela que os conceitos de Mao permanecem arraigados. Até Deng Xiaoping, que aboliu grande

...o verdadeiro “salto quântico” no crescimento econômico da China... estimulou a confiança e o nacionalismo e foi acompanhado de um aumento de cautela em relação aos Estados Unidos...

parte da ideologia de Mao, observou a necessidade de conservar seus grandes pensamentos¹⁸.

Nos anos 60, a grande estratégia da China foi obviamente influenciada por Mao, que desejava manter o fervor revolucionário tanto no ambiente interno quanto em âmbito mundial¹⁹. No campo das relações exteriores, representava uma estratégia diplomático-militar assertiva, que

enfaticava a “guerra popular”²⁰. Mao apoiava enfaticamente as revoluções como forma de derrubar o mundo bipolar de Estados Unidos e União Soviética²¹.

A estratégia chinesa mudou para a defesa passiva nos anos 70 e 80, com um pragmatismo geral e a abertura ao mundo externo²². Esgotado mental, física e economicamente com a ideologia e as práticas da Revolução Cultural, Mao aceitou prontamente uma oportunidade diplomática concedida pelos Estados Unidos, para que os dois países se opusessem à ameaça soviética que tinham em comum²³. A estratégia militar chinesa foi centrada na União Soviética, principalmente em uma possível guerra nuclear, mas, no caso de uma guerra terrestre, a China previa travar uma “guerra popular, em condições modernas”²⁴.

Ao assumir o poder, Deng Xiaoping buscou exorcizar todos os vestígios revolucionários, concentrando-se na modernização²⁵. No final dos anos 80, com a exposição ao mundo externo, a estratégia militar foi transformada, voltando-se ao combate em uma “guerra local e limitada” contra outros possíveis inimigos na periferia da China²⁶. Ainda assim, a estratégia de defesa passiva refletia a tradição anti-hegemônica das elites chinesas, dando continuidade à crença de Mao de que a hegemonia era a maior ameaça à estabilidade mundial²⁷.

O término da Guerra Fria, em 1989, ocasionou uma mudança na estratégia, que passou de defesa passiva para defesa ativa. A princípio, a nova estratégia consistia menos em pensamento militar maoista e mais em pensamento político maoista. Um fator que levou a isso foi o verdadeiro “salto quântico” no crescimento econômico da China, que estimulou a confiança e o nacionalismo e foi acompanhado de um aumento de cautela em relação aos Estados Unidos, a única superpotência remanescente. A rápida vitória deste país na Operação *Desert Storm* chocou os chineses. Com um orçamento crescente e em conformidade com a filosofia da Revolução em Assuntos Militares, o Exército de Libertação Popular (ELP) buscou alcançar a posição de vantagem dos EUA, por meio de avanços tecnológicos. A estratégia e a doutrina militares foram modificadas, concentrando-se em “guerras locais e limitadas, em condições de alta tecnologia”²⁸. O maior desafio político para a China consistiu na aparente

potência hegemônica, que se mostrara disposta a bombardear a embaixada chinesa durante a crise no Kosovo. Wu Xinbo observa que, nos anos 90, os pensamentos de Mao alcançaram um novo ápice “em função de sua coragem para manter-se firme contra o imperialismo ocidental”²⁹.

O novo século assistiu à inclusão do pensamento militar maoista na estratégia nacional. Os EUA vinham falando e portando-se como o “novo império”³⁰. A China era frequentemente citada como uma ameaça diplomática e militar. O Presidente George W. Bush rotulou a China como um “concorrente estratégico”, e os Estados Unidos formularam uma estratégia de “contenção”³¹. Na visão de muitos chineses, a colisão de uma aeronave de reconhecimento da Marinha dos EUA com um caça chinês, em abril de 2001, representou mais um indício das intenções agressivas do império. As ações militares estadunidenses no Iraque e no Afeganistão, bem como suas iniciativas diplomáticas unilaterais, agravaram ainda mais a preocupação chinesa. A contínua venda de armas para Taiwan foi percebida como uma interferência nos assuntos internos da China³². Ao mesmo tempo, os êxitos alcançados por adversários mais fracos e não convencionais contra forças estadunidenses no Afeganistão e no Iraque talvez tenham exercido alguma influência, levando a China a reconsiderar as abordagens assimétricas e prolongadas de Mao. Nas orientações estratégicas constantes do Livro Branco de 2008, o termo “limitada” foi excluído, e a expressão “condições de alta tecnologia” foi substituída por “condições de informatização”³³. Com a convergência de um aumento do nacionalismo chinês, do aparente imperialismo estadunidense e da bem-sucedida resistência de adversários mais fracos às iniciativas dos EUA, as ideias de Mao experimentaram um impressionante ressurgimento.

Guerra de Resistência como Estratégia Contemporânea

Considerando o contexto citado, a guerra de resistência parece ser o melhor marco para uma análise da grande estratégia da China. É uma defesa estratégica de duração prolongada, que emprega meios diplomáticos e militares convencionais e não convencionais com uma orientação geográfica. Empregando uma



Portão da Paz Celestial, Pequim, China, 19 Fev 06.

estratégia defensiva geral, a China não busca subverter a ordem mundial. Isso não atenderia a seus interesses porque, conforme discutido anteriormente, dela o país extrai benefícios econômicos, que lhe ajudam a alcançar seus objetivos nacionais. Contudo, a China defenderá toda e qualquer imposição ou violação ao que ela considera como sendo sua soberania ou direito territorial. Em termos diplomáticos e militares, ela não pretende desafiar ou competir com os EUA, mas está desenvolvendo capacidades para dissuadi-lo de partir para qualquer ação contra seu território nacional³⁴. Embora defensivos na escala mundial e em termos de objetivo geral, os elementos diplomático-militares podem ser ofensivos, empregados nos diferentes níveis da guerra: tático, operacional e estratégico.

Da mesma forma que na guerra de resistência original, a área de interesse da China pode ser dividida, geograficamente, em duas: a de zona defensiva e a de zona contestada. A zona defensiva consiste em sua esfera geográfica de influência próxima: mais ou menos a área ao

redor da fronteira territorial da China e os países no entorno. A zona contestada seria o resto do mundo. Esta última pode ser dividida, ainda, em áreas onde a China é capaz de estabelecer uma base de operações e regiões onde isso não é possível, por já fazerem parte de uma zona ou base de operações controlada pelos EUA.

Convencional, na Zona Defensiva

Em sua zona defensiva, a China dá ênfase a uma abordagem convencional. No campo diplomático, ela desenvolveu uma forte “política de boa vizinhança” com os países do seu entorno³⁵. Isso inclui o desenvolvimento de laços diplomáticos e econômicos, por meio de organizações internacionais e de relacionamentos bilaterais e multilaterais, para fortalecer seus interesses regionais³⁶. Uma dessas entidades é a Organização para a Cooperação de Xangai, estabelecida em abril de 1996, que inclui a China, a Rússia, o Cazaquistão, o Tadjiquistão e o Quirguistão³⁷. Ao mesmo tempo, a China vem

reivindicando grandes áreas no Mar da China Meridional e declarando que a Zona Econômica Exclusiva (ZEE) não representa apenas uma zona econômica reconhecida pela comunidade internacional, mas uma fronteira de segurança nacional³⁸. Além de questões de segurança, a China vem assumindo um papel ativo nos campos do meio ambiente, crime transnacional e imigração, junto aos países da região³⁹.

Sua doutrina militar classifica essa área como “zona de guerra”, enfatizando uma capacidade de defesa convencional apta às operações conjuntas, “combatendo em guerras locais em condições de informatização” e “negação de acesso”⁴⁰. Isso explica o aumento de iniciativas de desenvolvimento de capacidades militares convencionais, como mísseis de cruzeiro e antinavio, submarinos, bombardeiros de longo alcance, caças avançados e forças anfíbias, que possam combater não só em um cenário envolvendo Taiwan, como também em um cenário de defesa regional⁴¹. Juntamente com os esforços diplomáticos, há uma ênfase na defesa do entorno fora do continente, em particular, nos territórios e regiões marítimas onde é provável que haja conflito com os Estados Unidos⁴².

Não Convencional, na Zona Contestada

Devemos entender que a grande estratégia da China consiste em uma abordagem mista, da mesma forma que a guerra de resistência⁴³. Enquanto a abordagem convencional é empregada na zona defensiva, meios não convencionais são utilizados simultaneamente, na zona contestada⁴⁴. Em termos diplomáticos e militares, a abordagem se assemelha a uma ofensiva contra a liderança estadunidense no cenário local, tal como faz uma ofensiva guerrilheira na guerra de resistência clássica. Em sua expressão moderna, as zonas contestadas englobam as regiões onde os Estados Unidos exercem um papel de liderança, incluindo a América do Norte, a Europa e partes da Ásia e do Oriente Médio, assim como áreas que não sejam necessariamente dominadas por esse país, mas onde ele está envolvido em várias atividades, como o Sudeste Asiático, a América Latina e a África.

A China passou a engajar-se diplomaticamente com o mundo nos anos 90, com a transição para um sistema multipolar, concentrando-se em parcerias

com diversos países e blocos regionais⁴⁵. Ela hoje enfatiza o princípio de soberania nas relações da comunidade internacional, buscando o apoio de outros Estados em opor-se ao que ela enxerga como intervencionismo estadunidense. Por saber que a multipolaridade não será alcançada no futuro próximo, a China cultiva relações econômicas e diplomáticas com outros países, gerando dúvidas sobre a liderança estadunidense na política e economia mundiais⁴⁶. Na zona contestada, a China muitas vezes ultrapassa os Estados Unidos em esforços de engajamento, promovendo, em essência, a filosofia chinesa de que a prosperidade econômica não implica, necessariamente, ter de abrir mão do controle político. Ela serve como exemplo de capitalismo estatal bem-sucedido para muitos países, incluindo a Venezuela, o Irã e a Nigéria⁴⁷. Pode-se argumentar que a China, com efeito, teve grande sucesso no estabelecimento de bases políticas de operações na zona contestada, mesmo em regiões tradicionalmente consideradas como bases de operações estadunidenses, como a Austrália, o Japão e a Coreia. Não há dúvida de que os aliados mais convictos agora precisam equilibrar seus interesses econômicos com os interesses de segurança tradicionais⁴⁸. Até mesmo os países europeus precisam agradar e persuadir a China no que diz respeito à compra da dívida europeia⁴⁹. Os Estados Unidos também são influenciados pela diplomacia pública chinesa direcionada às transações comerciais e às organizações de comércio⁵⁰. O jornal chinês

Os Estados Unidos não podem se opor à estratégia de longo prazo da China com uma estratégia que seja imediatista em termos de interesses e objetivos nacionais.

People's Daily publicou uma série de artigos destacando a eficácia dos esforços de *lobby* da China junto ao Congresso dos EUA, órgão que, no passado, chegou a acusar a China Ocean Shipping Company de espionagem, mas que hoje a enaltece

por gerar empregos para os estadunidenses⁵¹. Muitos conceitos não convencionais foram incorporados na doutrina política do ELP em 2003, buscando apoiar o conceito que define três diferentes áreas de conflito: psicológica, de opinião pública e jurídica⁵².

Meios militares não convencionais são utilizados na zona contestada. Uma abordagem prevê o desenvolvimento de capacidades que possam afetar diretamente as defesas estadunidenses, originando ameaças a partir do território continental da China e em espaços do domínio público internacional. Essas ameaças poderiam incluir a guerra cibernética, os mísseis balísticos intercontinentais, as capacidades antissatélite e os submarinos de longo alcance. O autor Timothy Thomas observa que oficiais do ELP que escreveram sobre estratégias na internet defendem uma “guerra popular”, sugerindo que a China se encontra “em guerra” no espaço cibernético⁵³. Essa é uma interpretação de “guerra” que é extremamente literal, mas que indica a importância das operações cibernéticas como parte das capacidades não convencionais que a China pode empregar — na guerra ou na paz. Com relação à estratégia espacial chinesa, ainda que esta esteja dando os primeiros passos, o autor Dean Cheng observa que o ELP planeja ser capaz de realizar operações espaciais militares que possam conferir não apenas uma vantagem informacional, como também a capacidade de atacar objetivos terrestres a partir de sistemas espaciais⁵⁴.

Outra abordagem não convencional está no emprego de diplomacia militar, promovendo vendas de material de emprego militar e fornecendo assistência técnica, ou participando de operações de manutenção da paz. Nas duas últimas décadas, a China ampliou consideravelmente suas atividades nessa área, não apenas para reforçar sua zona defensiva, como também para desenvolver bases de operações no exterior — sejam físicas ou de relacionamento⁵⁵. O Livro Branco de 2008 incluiu, explicitamente, um termo emprestado do Exército dos EUA — operações militares de não guerra — para denotar operações em tempo de paz que não sejam de caráter convencional⁵⁶. A China tem uma das maiores participações em forças de manutenção da paz, no mundo. Em dezembro de 2008, contava com um efetivo de

2.146 militares a serviço das operações de paz, em 11 missões da Organização das Nações Unidas (ONU), em comparação com 296 dos Estados Unidos⁵⁷. Os encarregados pelas missões da ONU destacam essa tendência positiva da China, que adota um comportamento responsável em relação às questões de segurança mundial. “Com o tempo, é possível que a China busque contrabalançar gradativamente a influência ocidental, buscando um papel mais ativo na definição das normas e da forma de atuação nas operações de manutenção da paz da ONU, agindo de modo consistente com os princípios da política externa e os interesses nacionais chineses”, afirmam⁵⁸. Da mesma forma que o emprego de forças pelos EUA, as operações militares chinesas no exterior aumentam a segurança e a efetividade de seus interesses diplomáticos e econômicos em uma determinada região e possibilitam que o país se familiarize com a área e bases para futuras operações.

Abordagem Prolongada

Outra característica da estratégia de guerra de resistência é o longo período necessário para executá-la — nas palavras de Mao, ela é “prolongada”. É uma estratégia de exaustão, baseada na ideia de que, no longo prazo, os Estados Unidos se cansarão antes da China. A abordagem convencional adotada pelos EUA obriga o país a defender mais áreas e extensas linhas de comunicação, o que demanda mais recursos. A China, por outro lado, pode preservar seus recursos, desenvolver suas capacidades de forma gradual e aguardar o momento propício para desafiar os Estados Unidos de forma convencional. Como observado anteriormente, a China retirou a palavra “limitada” quando se refere às guerras.

Quanto tempo levará essa estratégia prolongada e em que estágio da resistência está a China, mais precisamente? O que podemos afirmar, com segurança, é que ela ainda não alcançou o terceiro estágio, no qual estaria pronta para iniciar uma ofensiva convencional contra os Estados Unidos. Alguns afirmam que a China está no primeiro estágio da estratégia, no qual a execução é predominantemente defensiva, tanto em termos convencionais quanto não convencionais, uma fase em que as capacidades convencionais necessárias estão sendo desenvolvidas. Outros talvez

asseverem que já estamos no segundo estágio — de impasse —, pois a China já teria capacidade de negar que os Estados Unidos ajudem Taiwan, caso ecloda o conflito. A favor deste ponto de vista, seria possível alegar que a China vem conduzindo uma ofensiva não convencional, empregando ações diplomáticas e militares. Se a compreensão for esta, então terão sido necessárias duas décadas para que a China concluísse o primeiro estágio da grande estratégia, a partir do término da Guerra Fria, quando ela passou a atrair a atenção do mundo. Extrapolando o raciocínio, talvez sejam necessárias outras duas décadas para que o país conclua o segundo estágio⁵⁹. Ela desejará permanecer no segundo estágio pelo maior tempo possível, porque o custo exigido para desenvolver capacidades convencionais para a ofensiva não só é exorbitante, como também contraproducente para seu crescimento econômico.

Implicações para os Estados Unidos

Sendo assim, quais são as implicações para os Estados Unidos, em seu relacionamento com uma China em plena execução de uma grande estratégia baseada na resistência? Primeiro, é preciso reconhecer que essa é uma estratégia defensiva, que não se destina a destronar o país na ordem mundial. É preciso entender que há oportunidades e incentivos para a cooperação, na manutenção de uma ordem mundial robusta. Por outro lado, os Estados Unidos não devem confundir o caráter defensivo da estratégia chinesa com uma relutância em enfrentá-los, caso isso seja necessário. A China está desenvolvendo uma força convencional razoável, capaz de negar que os Estados Unidos tenham acesso a certas regiões e de partir para a ofensiva, com significativas capacidades não convencionais, diplomáticas e militares.

Segundo, o conceito de Mao sobre o combate continua vivo na grande estratégia da China. Não se pode descartar a noção de “guerra popular”, como se fosse um anacronismo incapaz de opor-se à guerra moderna, baseada na mobilidade, na potência de fogo e na velocidade. Esse método de combate não deve ser confundido com ataques de “ondas humanas” ou táticas de guerrilha. Deve ser entendido como uma forma mista e sofisticada de incorporar capacidades convencionais e não

convencionais. Mao era versado nas filosofias de Clausewitz, Jomini e Sun Tzu, e muitas das ideias desses teóricos integram a teoria da guerra de resistência.

Terceiro, os Estados Unidos devem entender que a geografia é importante para a China. Embora ela possa estar na defensiva, em termos estratégicos, tecnologias militares capazes de expandir áreas operacionais possibilitam que os chineses ampliem as fronteiras de sua zona defensiva. Os países da porção marítima da Ásia estão alarmados com o fato de que a capacidade militar convencional da China poderá, em breve, alcançar a segunda cadeia de ilhas a partir de seu litoral⁶⁰. Ao mesmo tempo, as forças estadunidenses preposicionadas no exterior estão se tornando vulneráveis às capacidades de ataque imediato da China. A solução mais simples para essa ameaça seria retrair essas tropas para o território continental dos EUA e apoiar-se em uma estratégia de pronta resposta, em situações de crise. Isso talvez pareça razoável em um contexto operacional, mas, no contexto estratégico, praticamente equivale a permitir que a China transforme a zona controlada pelos Estados Unidos em uma zona contestada, ou o que é pior: em uma zona defensiva chinesa. Em vez disso, os Estados Unidos devem manter uma sólida presença, com bases de operações avançadas, e pressionar a China a gastar seus recursos. Os EUA não podem se dar ao luxo de ceder áreas como o Japão, Okinawa ou Coreia. Se o país abandonar essas regiões, será praticamente impossível restabelecer sua presença. É possível que, sem querer, os Estados Unidos já tenham cedido as Filipinas e a Tailândia, dado que a China já as considera parte de uma zona contestada.

Quarto, os Estados Unidos não podem abdicar de sua posição de liderança na proteção do domínio público internacional. Embora dividir os custos com a China possa parecer interessante, por razões econômicas, isso se tornaria contraproducente tão logo ela adquirisse capacidade de conduzir suas próprias operações de segurança — em uma região onde tal capacidade era antes exclusiva dos EUA. A tentativa chinesa de estabelecer uma força naval de águas profundas, capaz de projetar várias forças-tarefa com navios-aeródromos, é algo que poderia ser extremamente caro para ambos

os países. Isso poderia resultar em uma corrida armamentista não antecipada, com potencial para interpretações equivocadas quanto às intenções mútuas em alto-mar.

Quinto, algumas razões indicam que disputar áreas ou regiões talvez não valha os custos para os Estados Unidos. Por exemplo, regiões específicas na África e na América Latina, hoje na zona contestada, não fazem parte da esfera de influência direta nem dos Estados Unidos nem da China. A menos que haja interesses vitais dos Estados Unidos nessas áreas, a opção, em termos de política externa, deve ser a de retirar-se e permitir que a China as engaje. Ela tem capacidade de proporcionar certo grau de desenvolvimento, assistência militar e manutenção de paz nessas regiões, onde os EUA simplesmente carecem de recursos suficientes. Embora alguns defendam que haja uma competição por recursos e liderança moral nessas partes do mundo, há o contra-argumento de que a extração de recursos pela China aumenta sua disponibilidade no mercado mundial. Além disso, a assistência chinesa pode melhorar as perspectivas desses países em desenvolvimento. O mais importante é que os Estados Unidos saibam qual é a intenção da China nas diversas áreas contestadas.

Por último, é fundamental ter em mente que a China está executando uma estratégia de longo prazo. Os Estados Unidos não podem se opor a ela com uma estratégia que seja imediatista em termos de interesses e objetivos nacionais. Este artigo defendeu que, no atual ambiente, o objetivo

econômico da China seria o de desencorajar qualquer ofensiva estratégica ou tentativa de reordenar o sistema internacional. Permanece, porém, uma questão fundamental: para atender seus interesses, a China irá, se necessário, recorrer ao terceiro estágio dessa estratégia⁶¹.

Conclusão

Segundo seus próprios pontos de vista, Estados Unidos e China consideram que estão executando uma estratégia “defensiva ativa”, que visa a manter o *status quo*. O verdadeiro perigo está no fato de que é fácil confundir a estratégia do outro como sendo de caráter agressivo. Os formuladores de política estadunidenses precisam entender a estratégia de “guerra de resistência” e serem capazes de desenvolver sua própria estratégia unificada, que estimule a China a beneficiar-se de uma ordem mundial estável e a incentive a exercer um papel construtivo. Descartar os conceitos de Mao, seja porque a guerra revolucionária (ou popular) parece ser algo anacrônico, seja porque é vista como uma estratégia oriental inferior, significa não compreender o potencial adversário, algo que pode levar a superestimar ou subestimar suas intenções.

Concluindo, a guerra de resistência tem implicações não apenas no nível da grande estratégia, mas também nos níveis tático, operacional e estratégico do teatro de operações. Embora este artigo tenha tratado apenas da grande estratégia, acreditamos que haja utilidade em pesquisas adicionais sobre as implicações do conceito tratado, nos níveis operacional e tático. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Chinese Government's Official Web Portal, *China's National Defense in 2008*, disponível em: http://www.gov.cn/english/official/2009-01/20/content_1210227_4.htm, acesso em: 22 fev. 2011.
2. Há diversas variações nesse sentido. HAO, Yufan; HUAN, Guocang, eds. “Chinese Foreign Policy in Transition”, *The Chinese View of the World* (New York: Pantheon Books, 1989), p. xi.
3. FINKLESTEIN, David M. “China's National Military Strategy” in *The People's Liberation Army in the Information Age*, eds. James C. Mulvenon and Richard H. Yang (Santa Monica, CA: RAND, 1999), p. 103.
4. GOLDSTEIN, Avery. *Rising to the Challenge: China's Grand Strategy and International Security* (Stanford, CA: Stanford University Press, 2005), p.148-149.
5. *Ibid.*, 152; SCOBELL, Andrew. *Chinese Army Building in the Era of Jiang Zemin* (Carlisle Barracks, PA: U.S. Army War College, Strategic Studies Institute, August 2008), p. 20.
6. GOLDSTEIN, *Rising to the Challenge*, p. 24.
7. *Ibid.*, p. 27.
8. SCOBELL, *Chinese Army Building*, p. 3, p. 20.
9. LAI, David. “Introduction” in *The PLA at Home and Abroad: Assessing the Operational Capabilities of China's Military*, eds. Roy Kamphausen, David Lai,

- and Andrew Scobell (Carlisle Barracks, PA: U.S. Army War College, Strategic Studies Institute, 2010), p.19.
10. ZHONGYUN, Zi. “The Clash of Ideas: Ideology and Sino-U.S. Relations” in *Chinese Foreign Policy: Pragmatism and Strategic Behavior*, ed. Suisheng Zhao (Armonk, NY: M. E. Sharpe, Inc., 2004), p. 241.
11. MAO TSE-TUNG. “Problems of Strategy in China's Revolutionary War”, *Selected Military Writings of Mao Tse-tung* (Peking: Foreign Language Press, 1967), p. 77-146, p. 270.
12. *Ibid.*, p. 89, p. 271. Em seus escritos de 1936, diferentemente do que consta nos de 1938, Mao mais uma vez classifica a guerra de resistência como uma forma específica de guerra revolucionária, como se quisesse se defender contra a acusação de que combater os japoneses estaria fora da esfera da revolução.
13. *Ibid.*, p. 77-146 e p. 153-183.
14. *Ibid.*, p. 153.
15. *Ibid.*, p. 212-219.
16. KREPINEVICH JR., Andrew. *The Army and Vietnam* (Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 1986), p. 7-8. Mao não chega a colocá-lo dessa forma, mas Krepinevich elaborou esses estágios com base em diversas obras de Giap e Mao.

17. MAO, *Selected Military Writings*, p. 102. “A proposição de que uma revolução ou guerra revolucionária é uma ofensiva está, é claro, correta.”
18. 17º Congresso Nacional do Partido Comunista da China, 2007: Planejando os Próximos 5 anos da China, 1980: Comentários de Deng Xiaoping sobre o Pensamento de Mao Zedong, disponível em: <http://www.china.org.cn/english/congress/229773.htm>, acesso em 26 fev. 2011.
19. CHENG, Joseph Y. S.; WANKUN, Zhang. “Patterns and Dynamics of Chinese International Strategic Behavior”, in *Chinese Foreign Policy: Pragmatism and Strategic Behavior*, ed. Suisheng Zhao (Armonk, NY: M. E. Sharpe, Inc., 2004). Cheng e Zhang lhe atribuem essa característica de 1960 a 1972.
20. MAO, *Selected Military Writings*, p. 102, p. 103-106; FREEMAN, Chas W. *Arts of Power: Statecraft and Diplomacy* (Washington, D.C.: United States Institute of Peace Press, 1997), p. 72-73. GOODWIN, Paul H.B. “The PLA Face the Twenty-First Century: Reflections on Technology, Doctrine, Strategy, and Operations” in *China’s Military Faces the Future*, eds. James R. Lilley and David Shambaugh (Armonk, NY: M. E. Sharpe, Inc, 1999), p. 41-42. Freeman observa que uma estratégia diplomática pode ser agressiva, defensiva ativa ou defensiva passiva. Esses termos são semelhantes (se não iguais) aos de Mao — “revolucionária”, “defesa passiva” e “defesa ativa”, sendo “revolucionária” equivalente a “ofensiva”. Essa semelhança é compreensível, dada a renomada experiência de Freeman em temas relativos à China.
21. JIAN, Chen. *Mao’s China and the Cold War* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2001), p. 277-278.
22. Ibid.; CHENG; ZHANG, “Patterns and Dynamics”, p. 179.
23. CHENG; ZHANG, “Patterns and Dynamics”, p. 179. Cheng e Zhang classificam esse período como sendo o de uma pseudoaliança com os Estados Unidos contra a União Soviética, entre 1972 e 1982.
24. GOODWIN, “The PLA Face the Twenty-First Century”, p. 43, p. 46-48.
25. SIU-KAI, Lau. “Pragmatic Calculations of National Interest” in *Chinese Foreign Policy: Pragmatism and Strategic Behavior*, ed. Suisheng Zhao (Armonk, NY: M. E. Sharpe, Inc., 2004), p. 98.
26. GOODWIN, “The PLA Face the Twenty-First Century”, p. 43, p. 48-49.
27. CHENG; ZHANG, “Patterns and Dynamics”, p. 183.
28. GOODWIN, “The PLA Face the Twenty-First Century”, p. 43, p. 54-55.
29. XINBO, Wu. “Four Contradictions in Constraining China’s Foreign Policy Behavior” in *Chinese Foreign Policy: Pragmatism and Strategic Behavior*, ed. Suisheng Zhao (Armonk, NY: M. E. Sharpe, Inc., 2004), p. 69.
30. Existem várias obras sobre o novo império estadunidense, publicadas no início deste século. Um exemplo é FERGUSON, Niall. *Colossus: The Price of American Empire* (New York: Penguin Press 2004).
31. GOLDSTEIN, *Rising to the Challenge*, p. 157.
32. Goodwin discute a colisão da aeronave EP-3, da Marinha dos EUA, e as vendas militares para Taiwan. GOODWIN, Paul H.B. “The People’s Liberation Army and the Changing Global Security Landscape” in *The PLA at Home and Abroad: Assessing the Operational Capabilities of China’s Military*, eds. Roy Kamphausen, David Lai, Andrew Scobell (Carlisle Barracks, PA: U.S. Army War College, Strategic Studies Institute, 2010), p. 56-57.
33. Chinese Government’s Official Web Portal, China’s National Defense in 2008, disponível em: http://www.gov.cn/english/official/2009-01/20/content_1210227_4.htm, acesso em: 22 fev. 2011.
34. CHENG, Dean. “Chinese Views on Deterrence”, *Joint Forces Quarterly* 60 (1st Quarter 2011): p. 92-94.
35. Portal Oficial do Governo Chinês, China’s National Defense in 2008, disponível em: http://www.gov.cn/english/official/2009-01/20/content_1210227_3.htm, acesso em: 22 fev. 2011.
36. ZHAO, Suisheng. “The Making of Chinese Periphery Policy” in *Chinese Foreign Policy: Pragmatism and Strategic Behavior*, ed. Suisheng Zhao (Armonk, NY: M. E. Sharpe, Inc., 2004), p. 256-259.
37. ZHAO, “The Making of Chinese Periphery Policy”, p. 263.
38. GOODWIN, “The PLA Face the Twenty-First Century”, p. 48-50.
39. ZHAO, “The Making of Chinese Periphery Policy”, p. 257.
40. Li, Nan. “The PLA’s Evolving Campaign Doctrine and Strategy” in *The People’s Liberation Army in the Information Age*, eds. James C. Mulvenon and Richard H. Yang (Santa Monica, CA: RAND, 1999), p.146; GOODWIN, “The PLA Face the Twenty-First Century”, p. 46; FLAHERTY, Michael. “Red Wings Ascendant: The Chinese Air Force Contribution to Antiaircraft”, *Joint Forces Quarterly* 60 (1st Quarter 2011): p. 95.
41. COZAD, Mark. “China’s Regional Power Projection: Prospects for Future Mission in the South and East China Seas”, in *Beyond the Strait: PLA Missions Other than Taiwan*, eds. Roy Kamphausen, David Lai, and Andrew Scobell (Carlisle Barracks, PA: U.S. Army War College, Strategic Studies Institute, 2008), p. 289-290.
42. GOODWIN, “The PLA Face the Twenty-First Century”, p. 48-50.
43. A última tendência é chamá-lo de “combate híbrido”, que denotaria todas as formas de combate sendo utilizadas simultaneamente. Este artigo empregará “combate misto” (*compound warfare*). HUBER, Thomas M., ed. *Compound Warfare: That Fatal Knot* (Ft. Leavenworth, KS: U.S. Army Command and General Staff College, Combat Studies Institute, 2002).
44. Outro termo atualmente “em voga” é “combate assimétrico”, empregado para denotar o que, neste artigo, é denominado combate não convencional. Destina-se a denotar o modo de uma organização mais fraca combater uma entidade mais forte. “Irrestrito” é outro termo empregado, com base na obra de dois escritores militares chineses: LIANG, Qiao; XIANGSUI, Wang. *Unrestricted Warfare: Assumptions on War and Tactics in the Age of Globalization* (Beijing: PLA Literature and Arts Publishing House, 1999).
45. CHENG; ZHANG, “Patterns and Dynamics”, p. 179-180.
46. HALPER, Stefan. *The Beijing Consensus: How China’s Authoritarian Model Will Dominate the Twenty-First Century* (New York: Basic Books, 2010).
47. Ibid, Capítulo 4.
48. Frewen, John. *Harmonious Ocean: Chinese Aircraft Carriers and Australia’s U.S. Alliance*, Strategy Research Project (Carlisle Barracks, PA: U.S. Army War College, March 10, 2010).
49. FIAOLA, Anthony. “Chinese Clout Felt in Europe”, *Washington Post*, 10 Jan. 2010.
50. MUFENSON, Steve; WHORISKEY, Peter. “China Agrees to Buy Hummer”, *Washington Post*, 10 Oct. 2009; POMPRET, John. “China’s Lobbying Efforts Yield New Influence, Openness on Capitol Hill”, *Washington Post*, 9 Jan. 2010.
51. “Congress Feels Chinese Influence”, *People’s Daily Online*, 11 Jan. 2010, disponível em: <http://english.peopledaily.com.cn/90001/90776/90883/6864713.html>, acesso em 5 fev. 2011.
52. CHENG, Dean. “China’s Active Defense Strategy and Its Regional Impact”, Testimony before the U.S.-China Economic and Security Review Commission, 26 Jan. 2011, disponível em: <http://www.heritage.org/Research/Testimony/2011/01/Chinas-Active-Defense-Strategy-and-Its-Regional-Impact>, acesso em 15 fev. 2011.
53. THOMAS, Timothy L. “Google Confronts China’s ‘Three Warfares’”, *Parameters* 40, no. 2 (Summer 2010): p. 109.
54. CHENG, Dean. “Prospects for China’s Military Space Efforts”, in *Beyond the Strait: PLA Missions Other than Taiwan*, eds. Roy Kamphausen, David Lai, and Andrew Scobell (Carlisle Barracks, PA: U.S. Army War College, Strategic Studies Institute, 2008), p. 231.
55. HOLZ, Heidi; ALLEN, Kenneth. “Military Exchanges with Chinese Characteristics: The People’s Liberation Army Experience with Military Relations” in *Beyond the Strait: PLA Missions Other than Taiwan*, eds. Roy Kamphausen, David Lai, and Andrew Scobell (Carlisle Barracks, PA: U.S. Army War College, Strategic Studies Institute, 2008), p. 429.
56. Chinese Government’s Official Web Portal, “Chapter II. National Defense Policy”, China’s National Defense in 2008, disponível em: http://www.gov.cn/english/official/2009-01/20/content_1210227_4.htm, acesso em: 22 fev. 2011.
57. GILL, Bates; HUANG, Chin-hao. “China’s Expanding Presence in UN Peacekeeping Operations and Implications for the United States” in *Beyond the Strait: PLA Missions Other than Taiwan*, eds. Roy Kamphausen, David Lai, and Andrew Scobell (Carlisle Barracks, PA: U.S. Army War College, Strategic Studies Institute, 2008), p. 104.
58. Ibid., p. 115, p.117.
59. Não há uma ampla base de comparação, mas, nos casos das Guerras da Coreia e do Vietnã, em que foram utilizadas estratégias de guerra de resistência, o primeiro e segundo estágios antes de uma ofensiva convencional de larga escala tiveram duração semelhante: dois a três anos, no caso da Coreia, e cinco a sete anos, no caso do Vietnã.
60. OFFICE OF THE SECRETARY OF DEFENSE, *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People’s Republic of China 2010*, disponível em: http://www.defense.gov/pubs/pdfs/2010_CMPR_Final.pdf, acesso em 1 fev. 2011, p. 22-23.
61. David Lai oferece uma interessante metáfora para o modo de guerra chinês, que ajuda a esclarecer o conceito de guerra de resistência. Ele afirma que o jogo de “go” chinês explica melhor a estratégia chinesa que o xadrez. Primeiro, há a diferença em relação à geometria (ou aspectos territoriais) do jogo de “go”, em comparação ao objetivo centrado na força, do xadrez. A guerra de resistência concentra-se justamente em geografia e território, isto é, na zona defensiva. Há também os movimentos ordinários e extraordinários, paralelos às abordagens convencionais e não convencionais. Além disso, os jogadores atuam em vários teatros de operações, ao passo que o xadrez consiste, de modo geral, em uma frente contínua e convencional. O xadrez se baseia em manobras decisivas, enquanto o “go” é um jogo de paciência e resistência. O “go” raramente chega a uma conclusão como no xadrez, em que um lado domina e forças inteiras são eliminadas ou o rei sofre um “xeque-mate”. Ele é um jogo prolongado que termina após os jogadores terem empregado todos os seus recursos e não ser possível fazer nenhum outro movimento. LAI, David. *Learning from the Stones: A Go Approach to Mastering China’s Strategic Concept* (Carlisle Barracks, PA: U.S. Army War College, Strategic Studies Institute, May 2004).